

DONA FLOR E A VIDA CULTURAL BAIANA: MEMÓRIA DO “THOM BAR”

Benedito Veiga
Universidade do Estado da Bahia
Universidade Católica do Salvador

Resumo: *O resgate da vida cultural da capital baiana, na década de 1960, é necessário à compreensão do contexto que serviu à implantação do pólo turístico de Salvador. O tema Bahia é presença nas artes e coadjuva as estréias dos artistas. A intelectualidade e o empresariado baianos se empenham com o governo estadual, na consecução do sonho turístico. Os estrangeiros assumem tarefas oportunas; como o “Thom Bar”, ponto de encontro da intelligentsia baiana, um misto de: bar-restaurante, casa noturna e palco para espetáculos com a juventude local, parte dela, logo depois, conquistaria a mídia e o público nacionais. **Palavras-chave:** memória cultural; vida cultural; pólo turístico.*

Abstract: *To understand the context in which Salvador tourist center was established it is necessary to release information on the cultural life of the city at that time. Bahia was an ever present theme in the arts and a supporting actress in each artist's debut. Bahian intellectuals and entrepreneurs insist with the state government to make the tourist dream come true. Foreigners undertake helpful tasks, such as “Thom Bar”, a meeting point for Bahian intelligentsia which was a combination of bar, restaurant and night club, and also a stage for the shows of local youngsters. Some of these would conquer the national media and public in the short run.*

Key words: *cultural memory, cultural life, tourist pole.*

A *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, chega, em relação ao “Thom Bar”, adiantada em cerca de cinco meses. Todavia, o contexto sócio-político-econômico do Brasil e o da Bahia são quase os mesmos, de julho para novembro de 1966. Com mais uma prisão política aqui, menos uma liberdade democrática ali, as coisas mudam, aparentemente, muito pouco...

A implantação do pólo turístico de Salvador, tomada em meu recorte de memória, é uma das conseqüências mediatas da instalação e do desenvolvimento da Universidade Federal da Bahia, que, sob o reitorado do professor Edgard Santos (de 1946 a 1961), abriu caminhos para a observação e o estudo da cultura híbrida baiana, notadamente a de seu recôncavo. A força desse desabrochar acadêmico vai agitar a pacata vida da terra, cuja capital – até meados de 1950 – era considerada a cidade de uma rua só: a rua Chile, o coração da Bahia. Esse período áureo está repleto de estudos como *Avant-garde na Bahia*, de Antonio Risério e *Imagens de um tempo em movimento*, de Maria do Socorro Silva Carvalho, indicadores do caráter pioneiro da administração do médico-reitor e de suas irradiações.

O período imediatamente subsequente, no entanto, carece de maiores considerações. Talvez por se tratar de um período vindo logo após *um momento especial da vida baiana, no interior de uma conjuntura também especial da vida brasileira* (Risério, 1995) ou, ainda, por vir em seguimento de *os anos dourados na Bahia* (Carvalho, 1999). Contudo, não deixo de investir em outra causa: trata-se de um tempo sob a tutela da ríspida ditadura

militar, imposta ao País em 1964. A busca de fontes primárias torna-se mais complicada, o que demanda tempo e mais cuidado interpretativo.

O ano de meu estudo, 1966, coincide com as trocas dos dirigentes governamentais, ao alvitre de leis antidemocráticas, com a supressão de eleições: na presidência do Brasil, sai o marechal Castelo Branco e entra o marechal Costa e Silva; com suas posses em 1967, no governo da Bahia, sai Lomanto Júnior e entra Luiz Vianna Filho e na prefeitura de Salvador, sai Nelson de Oliveira e entra Antônio Carlos Magalhães. Este último, na forma do Ato Institucional nº 3/66, que impunha *os prefeitos das Capitais serem nomeados, pelos Governadores de Estado*¹.

Acrescento o fato de Jorge Amado ter retornado a sua terra, como rememora Zélia: *mudamos para Salvador em 1963* (Amado, 2002), após ter fixado residência no sul do País, no Rio de Janeiro e em São Paulo, incluindo, ainda, o exílio na Europa, de 1948 a 1953, fixando-se na França e, depois, na Tchecoslováquia (Santos, 1993). De certa forma, Jorge Amado assume a função de uma espécie de arauto das artes locais: apresenta novos escritores, comparece a exposições de artes plásticas, compõe comissões, como a da Primeira Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia, de 1966.

Na elaboração de sua ficção, sobretudo a partir de *Gabriela, cravo e canela*, de 1958, e de *Dona Flor e seus dois maridos*, de 1966, o autor intensifica o emprego das cores, dos odores e dos sabores locais. A recepção crítica da obra *amadiana*, com sua concentração específica nas contradições e exotismos da cultura afro-baiana, vai servir de grande impulso nas leituras do imaginário baiano, atraindo visitantes, brasileiros ou além fronteiras. Importante é a presença do tema “Bahia” nas artes. Na lista de produtos baianos de exportações, não se exclui o trabalho de artistas plásticos, alguns já distinguidos, além fronteiras estaduais, como inventaria o *Jornal da Bahia*, de 21 de setembro de 1966; dentre outros, são postos em evidência: Caribé, Jenner Augusto, Genaro de Carvalho, Mário Cravo Júnior, Mirabeau Sampaio, Sante Scaldaferrri, Calasans Neto².

Há diversos setores da intelectualidade e do empresariado baianos que se empenham com as ambições do governo do Estado, na aliança para fazer surgir o sonhado pólo turístico local. A cultura afro-baiana passa a ser tomada como referência de *marketing*, os setores hegemônicos e culturais dela se apropriam para criar as marcas da *baianidade*: a figa, o berimbau, a capoeira, etc. As fronteiras demarcatórias entre os níveis culturais se desmoronam, mais a serviço das causas do comércio, do que das democráticas, numa perspectiva mais adiante avaliada por Néstor Garcia Canclini, em *Culturas híbridas* (Garcia Canclini, 1998).

Paralelas a essas quebras, outras se propõem. Eram muitos os de fora, que se instalavam, de vez, na *cidade amada*, os *doces bárbaros* (Veloso, 1976), que passavam a assumir tarefas oportunas. Entre eles, um eleito para exemplo, o holandês Thomas Joseph Marie van Dijck (Thom van Dijck), hoje residente em João Pessoa, na Paraíba. Thom, natural de Eindhoven, veio para a Bahia em 1958, para trabalhar numa exportadora de fumo, *na qual já trabalhava em Amsterdam. Após algum tempo, achando o trabalho com fumo pouco interessante, procurei outro tipo de atividade*³.

Sorte para o momento de Salvador, que vai começar a contar com a experiência internacional de mais um *doce bárbaro*, posto a seu serviço: a aventura do meteórico “Thom Bar”. Nas origens do bar-restaurant, se vê a preocupação do empresário em ir além da amostragem tipicamente pitoresca. Adverte Thom van Dijck que sua *intenção foi a de transformar o restaurante “A baiana” em um lugar típico da noite*⁴. A imprensa corre atrás do risco, como escreve *A Tarde*, de 4 de novembro, sobre a *mais nova casa noturna: o seu*

*estilo é tipicamente barroco. O seu proprietário garante que vai arrastar todo mundo artístico para marcar ponto em sua casa, pois os preços vão ser os melhores*⁵.

Dois caminhos são, portanto, indicados: o turismo nascente e o mercadológico sem excluir o cultural. Os periódicos estão atentos, como *A Tarde*, de 9 de novembro de 1966, a respeito da *abertura da buate-intelectual da cidade: E que as buates que se preparem para receber os turistas no próximo mês de dezembro. Ainda mais com a instalação da Bienal*⁶. Vem à mostra toda uma ligação com os eventos artísticos da Cidade.

A inauguração do “Thom Bar”, em 11 de novembro de 1966, corre de jornal a jornal; em três consultados – de ampla divulgação –, contam-se cinco notícias, que ocupam colunas de assinantes variados. Exemplificam os registros do ato: no *Jornal da Bahia*, de 11 de novembro de 1966, na coluna de Guilherme Simões: *Amanhã teremos mais um bar em Salvador. Trata-se do THOMBAR que distribuiu convites espetaculares, convites dos mais bem bolados até então apresentados*⁷; e em *A Tarde*, de 17 de novembro de 1966, na coluna de Carlos Pinto: *E na última 6ª feira foi o dia do coquetel de inauguração do Thombar (Rua Padre Vieira, 23, 1º andar) com presença de muitos artistas, que, desde já, elegeram aquele local como ponto de encontro*⁸.

Alguns tópicos relacionados no noticiário dos periódicos podem ser esclarecidos ou postos às claras.

Responde Thom van Dijck a meu questionar sobre data, formalidades do ato, presenças, na estréia de sua casa comercial/cultural: *A inauguração foi em outubro de 1966. Não houve convites formais. Os amigos compareceram, pois estavam sabendo do evento*⁹. Em princípio, as notícias veiculadas já comprovaram a data inaugural. Quanto às formalidades, aos convites distribuídos, continuam as duas versões: a negativa, do proprietário, e a do deslumbramento, do colunista social Guilherme Simões. Na dúvida, a história do “Thom Bar” ganha foros de mito... Quanto aos *muitos artistas* ou aos *amigos que compareceram* ao evento, o entrevistado, em outro trecho do documento esbanja clareza:

*havia muitos intelectuais e boêmios, entre outros: João Batista, Afonso Coentro, Jeová de Carvalho, Ângelo Roberto, Anísio Félix, Nilda Spencer, Newton Sobral, Fred Souza Castro, Sólon Barreto, José Contreiras, Alderiva Coentro, Paulo Souza Castro, Gato, Leonardo Alencar, Edísio Coelho (Careca), Luís... (...) Tínhamos encontros freqüentes nos fins de semana, na casa de um ou de outro... Fizemos muitas serenatas... coisa de ver amanhecer...*¹⁰

No cuidado de se averiguar as ressonâncias do “Thom Bar”, as amizades e os relacionamentos pessoais deslindam, em adendo, a instigante permuta de ocupação profissional de Thom van Dijck – sair da pacata vida burocrática para as venturas/desventuras do comércio cultural – e levam às atrações dos chamegos da Cidade do São Salvador da Bahia de Todos os Santos e às vontades de se atender aos insistentes apelos, como escreve Jorge Amado, da *noite putona, insaciável e doce*¹¹.

A existência do “Thom Bar” exemplifica e alicerça, com mais clareza e com mais compreensão, a ânsia de se criar um pólo turístico. As transformações sofridas no ponto comercial, antes de se oficializar a nomeação do novo estabelecimento, metaforicamente, elas já indiciam um processo subjacente de procura de visibilidade, além dos horizontes baianos. Reconta Thom seu enredo: *Comecei, então, a trabalhar no restaurante “A baiana”, na rua Padre Vieira, que pertencia a Acabei comprando o restaurante e, poucos anos depois, criei o “Thom Bar”, no mesmo endereço*¹².

Nessa época, o centro comercial, na Cidade Alta, girava em torno da Rua Chile. O local de funcionamento do “Thom Bar” ficava bem próximo dela, em uma de suas transversais, na Rua Padre Vieira, 23, 1º andar, perto do chamado *Tesouro*, ou seja, o prédio onde funcionava a Secretaria de Fazenda do Estado. Se, durante o dia, o “Thom Bar”/restaurante era vizinho da Salvador com o movimento intenso de transeuntes, de administradores e de políticos influentes, à noite, o “Thom Bar”/boate estava próximo da Salvador com o labirinto das ruas vazias e mal iluminadas. Mas, havia a intelectualidade com o desejo de participar da vida noturna perto do desconhecido.

O “Thom Bar”, um dos pontos de encontro da *intelligentsia* baiana, traz o requinte do ambiente, como pode ser avaliado nas palavras de Carlos Pinto, em *A Tarde*, de 18 de novembro de 1966: *sua iluminação é única em Salvador. Luz indireta sobre vitrais pintados por Leonardo Alencar [um doce bárbaro, um sergipano residente na Bahia] dá aquele ar de claustro, ainda mais com as lâmparinas acesas. Os bancos também lembram os de convento*¹³; ou nas palavras de Silvío (Sylvio Lamenha), no *Diário de Notícias*, de 20-21 de novembro de 1966: *“Thom Bar” também está funcionando megatons com a decoração de Leonardo Alencar*¹⁴. O próprio Leonardo Alencar, em entrevista concedida a Vieira Neto, publicada em *A Tarde*, de 27 de janeiro de 1967, comenta seu trabalho: *Independentemente da pintura, às vezes, atendo solicitações de amigos, faço uma espécie de decoração integrada, como fiz recentemente para o Thom Bar, baseada em elementos góticos, ou seja, uma tentativa de aliar elementos à uma decoração de vanguarda*¹⁵.

O proprietário do recinto dá sua versão, comprovando seu bom relacionamento com o meio artístico baiano, o que permitiu que seu investimento comercial viesse a tornar-se um investimento cultural, uma das jóias da vida noturna baiana: *houve um acordo entre mim e alguns dos artistas freqüentadores do restaurante para decidir os detalhes da reforma e da decoração. Colaboraram Gato, Leonardo Alencar e Ângelo Roberto e Luís. Desenharam os móveis, fizeram os murais, as cortinas*¹⁶. Nesse item, Carlos Pinto, em *A Tarde*, de 17 de novembro de 1966, complementa: *A buate traz a marca de Leonardo Alencar na decoração, estamparias de Juarez Paraíso e Luiz Gonzaga, cerâmica de Udo Knoff, painel de Ângelo Roberto*¹⁷.

O “Thom Bar”, desde o dia inicial de seu funcionamento, faz aparecer o dinamismo de seu projeto misto: de bar-restaurante, de casa noturna, de salão de exposições visuais e de palco de espetáculos artísticos. Tudo bem ao gosto da rotatividade dos turistas, tão desejados... Na inauguração, como notifica *A Tarde*, de 11 de novembro de 1966, *será exposta a coleção particular de Leonardo Alencar, constituída dos seguintes artistas: Aldemir Martins, Antônio Bandeira, Augusto Rodrigues, Osvald, Mário Cravo, Odete Guersonis, Raimundo Oliveira e Iara Tupinambá*¹⁸. Tal amostra é confirmada por Julieta (July), em sua coluna social em *A Tarde* do mesmo dia, e ajunta sobre o “Thom Bar”: *ele funcionará diariamente, das 17 às 21 com música suave e das 21 às 2 da madrugada com música para dançar*¹⁹.

Como palco de espetáculos artísticos, há o incentivo dos talentos novos locais, como divulga *A Tarde*, de 11 de novembro de 1966: *Fernando na terra. E veio disposto a movimentar o meio artístico, se não vejamos: vai cantar no “show” de abertura do Thombar, cujo roteiro e direção é de Fred Sousa Castro. (...) Lembro que Lona foi o vencedor juntamente com Geraldo Vandré do Berimbau de Ouro...*²⁰; o *Diário de Notícias*, de 26 de novembro de 1966, expande o elenco do *show*, quando bisado: *Quinta à noite, no “Thom-Bar”, estréia do show de Fernando Lona, (...) com a participação de Jeová de Carvalho e seus poemas, Leonor de Barros coordenando o sofrido coro, Pitti e seu violão,*

*ritmistas de afoché, roteiro e supervisão geral de Fred de Souza Castro*²¹. Thom van Dijck relembra: *não havia um espaço marcado para as apresentações de cantores e de instrumentistas; apresentavam-se no salão, entre as mesas, bem perto do público*²².

O “Thom Bar” tinha suas estratégias de *marketing*; uma delas se verifica em 22 de novembro de 1966: um encontro de confraternização com a imprensa de Salvador. Nota-se o objetivo de mostrar o novo ponto: com suas características visuais (decoreação de bom gosto) e alimentícias (pratos da cozinha internacional, inclusiva da baiana); sua diversidade de funções (restaurante, bar, boate, casa de *shows*); sua presteza no atendimento aos clientes. Comenta a iniciativa, dentre outros, Silvio, no *Diário de Notícias*, de 23 de novembro de 1966: *Ontem “Thom-Bar” ofereceu um jantar aos colunistas desta cap, quando os confrades tiveram oportunidade de conhecer a funcional decoraçãõ de Leonardo Alencar. O “Thom-Bar” pode perfeitamente inscrever-se no vosso sadio roteiro noturno*²³.

Uma das mais badaladas promoções acontecidas na casa noturna se deu, em 25 de novembro de 1966, para comemorar dois compositores baianos, premiados nacionalmente, como finalistas do Festival da Canção, como destaca, por exemplo, *A Tarde*, de 24 de novembro de 1966: *E Carlos Coqueijo e Alcivando Luz estarão amanhã, às 18 horas, em Pedro Discos, lançando o compacto que traz a música “É Preciso Perdoar”, de autoria dos dois. Logo após, haverá coquetel no Thom-bar*²⁴.

O fogo (!), esse inimigo tremendo, apagou do mapa urbano vários crivos da *baianidade*: o Teatro São João, o Mercado Modelo, a Feira de Água de Meninos...

Nas palavras de Thom van Dijck, aparece o privilégio de dizer o que muitos outros sinistrados culturalmente não puderam ou não quiseram ou não souberam: *foi um projeto realizado, que me deixa muito orgulhoso porque marcou época numa Bahia que já desapareceu. Foi uma pena que o incêndio destruiu o sonho de um endereço de artistas e intelectuais, que buscavam bom papo, boa bebida, boa comida e muita amizade*²⁵.

Malgrado esta versão, há perguntas outras que se levantam e se impõem como trilhas ao estudioso: nos periódicos revolvidos, as últimas referências ao “Thom Bar” acabam em dezembro do ano de sua criação, o que lhe reservaria um mês, ou pouco mais, de funcionamento registrado. Eis a relação das últimas notícias: em *A Tarde*, de 17 de dezembro de 1966: *Ainda sobre Krajcberg*²⁶: *ele jantou ontem no Thom-bar, acompanhado dos artistas Leonardo Alencar, Francisco Liberato, além do jornalista Newton Sobral...*²⁷; no *Diário de Notícias*, de 11-12 de dezembro de 1966: *E “Thom-Bar” planejando novo show noturno*²⁸; e no *Jornal da Bahia*, de 2 de dezembro de 1966: *hoje e amanhã, ao show de Fernando Lona, com o roteiro e o texto de Frederico de Souza Castro. O show está agradando em cheio, sendo considerado pela maioria das pessoas que tem (sic) assistido como o que de melhor já se fez no estilo em Salvador*²⁹.

As últimas notícias publicadas são promissoras e de satisfação. No dia seguinte ao 17 de dezembro de 1966, porém, o nome do “Thom Bar” deixa de aparecer nos periódicos. Todos sabemos o período cruel da ditadura em que vivia o País, com, inclusive, a censura, dita “lei rolha”, imposta à imprensa. Escreve Thom van Dijck, em sua entrevista citada: *O incêndio foi em janeiro de 1967. Prefiro, no entanto, ficar – como proposta de seguir em frente – com outra afirmação sua: O incêndio acabou tudo; estava viajando quando aconteceu*³⁰.

Outras visitas e consultas aos arquivos me aguardam. O resto, até agora, é silêncio...

NOTAS

- ¹ Ato institucional n. 3/ 1966, in CAMPANHOLE, Adriano e CAMPANHOLE, Hilton Lisboa. (Org.). *Todas as constituições do Brasil*. São Paulo: Atlas, 1971. p. 285-286.
- ² NOTÍCIA DE REDAÇÃO. Arte baiana é também um produto brasileiro de grande exportação. *Jornal da Bahia*, Salvador, 21 set. 1966. Caderno 3, p. 3.
- ³ Conforme a entrevista com Thom van Dijck, concedida via e-mail a Benedito Veiga, em 28 de novembro de 2001.
- ⁴ Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.
- ⁵ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 7, 4 nov. 1966.
- ⁶ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 8, 9 nov. 1966.
- ⁷ SIMÕES, Guilherme. Sociedade, fatos e gente. *Jornal da Bahia*, Salvador, 11 nov. 1966. Caderno 1, p. 2.
- ⁸ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 10, 17 nov. 1966.
- ⁹ Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.
- ¹⁰ Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.
- ¹¹ AMADO, Jorge. *Os pastores da noite*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. x.
- ¹² Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.
- ¹³ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 9, 18 de nov. 1966.
- ¹⁴ SILVIO [Sylvio Lamenha]. HI – SO. *Diário de Notícias*, Salvador, 20-21 nov. 1966. Caderno 2, p. 3.
- ¹⁵ VIEIRA NETO. Salvador show. *A Tarde*, Salvador, p. 6, 27 jan. 1967.
- ¹⁶ Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.
- ¹⁷ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 10, 17 nov. 1966.
- ¹⁸ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 8, 11 nov. 1966.
- ¹⁹ JULIETA [July]. Sociedade. *A Tarde*, Salvador, p. 8, 11 nov. 1966.
- ²⁰ PINTO, Carlos. Artes & Shows. *A Tarde*, Salvador, p. 10, 11 nov. 1966.
- ²¹ SILVIO [Sylvio Lamenha]. HI – SO. *Diário de Notícias*, Salvador, 26 nov. 1966. Caderno 2, p. 3.
- ²² Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.
- ²³ SILVIO [Sylvio Lamenha]. HI – SO. *Diário de Notícias*, Salvador, 23 nov. 1966. Caderno 2, p. 3.
- ²⁴ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 10, 24 nov. 1966.
- ²⁵ Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.
- ²⁶ Franz Krajeberg é escultor e gravador polonês radicado no Brasil; um dos premiados na Bienal da Bahia.
- ²⁷ PINTO, Carlos. Artes & shows. *A Tarde*, Salvador, p. 12, 17 dez. 1966.
- ²⁸ SILVIO [Sylvio Lamenha]. HI – SO. *Diário de Notícias*, Salvador, 11-12 dez. 1966. Caderno 2, p. 2.
- ²⁹ SIMÕES, Guilherme. Sociedade, fatos e gente. *Jornal da Bahia*, Salvador, p. 2, 2 dez. 1966.
- ³⁰ Conforme a entrevista concedida por Thom van Dijck, em 28 de novembro de 2001.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Zélia Gattai. Ai, que saudades de Jorge! _____. et al. *Jorge Amado: um baiano romântico e sensual*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 11-101.
- CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: EDUFBA, 1999.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1998 (Ensaio latino-americanos, 1).
- RISÉRIO, Antonio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995 (Pontos sobre o Brasil).
- SANTOS, Itazil Benício dos. *Jorge Amado: retrato incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- VELOSO, Caetano et al. Os mais doces bárbaros. C. Veloso [Compositor]. VELOSO, Caetano et al. *Doces bárbaros*. Direção geral: Caetano Veloso; direção musical Gilberto Gil. Guanabara: Philips, p 1976. 2 discos sonoros (84 min 4 s), 33 1/3 rpm, estéreo., 12 pol. Disco 1, lado A, faixa 1 (6 min 42 s).